

5 de janeiro de 1950

MEIO DE SEMANA

Tacitamente ficou estabelecido entre os escritores do Rio Grande o hábito de não comentar os livros dos amigos. Lá por 1930, quando essa turma que aí está começou a trabalhar, ainda era possível a irresponsabilidade de um artigo de elogio, e até mesmo era de praxe. Mas era natural que, com o tempo, as coisas se modificassem. Afinal, bem podia parecer elogio mútuo, e ficava feio. Como no mundo literário cada um deve se isolar e fazer força como Robinson na sua ilha, essa mesma turma constituída, fatalmente, de amigos uns dos outros fechou-se um silêncio e deixou que lá fora os julgamentos fossem realizados, assim como esses clubes de futebol que contratam um juiz estrangeiro para evitar a perigosa atividade das más línguas domésticas. Mais que qualquer outra, pela sua situação, pelo espírito de seu povo historicamente diferenciado, pelo seu clima existencial, o Rio Grande é província, cuja atividade de inteligência despertou, em certo sentido e em determinadas épocas, uma atenção desconfiada. Daí a vantagem de ser deixado o julgamento dos nossos valores ao exame de fora, mais severo na seleção de seus prêmios.

Mas se o comentário escrito dos livros de amigos continua vedado pelas imposições de uma ética que a experiência consagrou como a melhor conduta, nem por isso permanece aconselhável o silêncio quando um acontecimento literário de excepcional importância para o Rio Grande acaba de ter lugar. Agora não é possível calar, doente romance que nos arrasta para a facilidade da profecia, tão certa e indisfarçável a sua importância para o conhecimento e a compreensão do corpo e da alma do Rio Grande. Pela força mágica do ficcionista, o mundo sentirá profundamente esta terra e a substância de seus homens, e já não seremos um tema de indagação cautelosa, mas uma afirmação se dilatando através de maravilhosa obra de arte. Há muitos, muitos

anos, Erico Veríssimo me dizia: é preciso vencer, mas vencer pelo espírito. O que eu desejo é poder viver escrevendo belas histórias. De Atantas (sic) que ele escreveu, a mais bela é esta, que é a história tão grande que quase não tem fronteiras, de um povo que é o seu povo, de uma terra que é a sua terra. *O Tempo e o Vento* vai marcar, em momento culminante na paisagem da literatura que representa uma expressão da terra onde mergulha suas raízes. Nesse país de transposição, que é o território do romance, encontra o Rio Grande a fidelidade de sua própria imagem, e na profundidade desse espelho recupera, para uma fixação definitiva a misteriosa poesia de suas lendas. Certo, existia no inconsciente do escritor, a secreta sustância de tantos mundos entreverados ao longo da vida rio-grandense como em todas as almas a força do passado, em todos os homens o resíduo dos homens que se dissolveram no tempo para que ele vivesse e, se possível, recuperasse pelo sonho anônimo ou pela arte duradoira, esse legado de doçura e de drama.

Amanhã sentiremos todos nós a importância desse romance. E o Rio Grande deverá ao seu autor uma dívida indisfarçável.